

ESCOLAS DO PORTO E DE MADRID

Organização de António Braz Teixeira, Celeste Natário,
José Carlos Pereira e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: Ortega y Gasset, Leonardo Coimbra e

Garcia Morente

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-5-1

Depósito Legal: 491048/21

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-5-1/esc>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

JOSÉ SANT'ANNA DIONÍSIO
E OS AFLUENTES DO RIO DE HERACLITO

António Aresta

(Instituto de Filosofia Luso-Brasileira)

“o homem, esse ser essencialmente movediço e
assomadiço, *automobilístico* e questionante”

Sant'Anna Dionísio, 1956

José Augusto Sant'Anna Dionísio (1902-1991) é seguramente um dos pensadores da Escola Portuense, originariamente tributária da primeira Faculdade de Letras do Porto e do magistério pluridimensional de Leonardo Coimbra, menos conhecidos¹, estimados e também ele mesmo vítima de “uma discreta obra-prima de emparedamento”², afinal o mesmo indignado diagnóstico que tinha feito à situação em que se encontrava Teixeira de Pascoaes. Sant'Anna Dionísio foi um Mestre sem discípulos, o que de resto não é inédito na tradição filosófica portuguesa. Não podemos ignorar estas palavras de António Braz Teixeira: “Este relativo desinteresse de que tem sido alvo o aforista subtil de *Rio de Heraclito* não pode deixar de considerar-se sumamente injusto, tendo em conta o valor da sua obra filosófica e a singularidade da sua atitude especulativa, a exigente seriedade do seu pensamento pedagógico e político, a alta qualidade literária dos seus textos de carácter reflexivo, a compreensiva inteligência dos seus trabalhos hermenêuticos da obra de figuras maiores da tradição espiritual em que se integra, de Amorim Viana e Antero a Leonardo, Pascoaes e Raul Proença ou o fundo sentido anímico da paisagem e do espírito dos lugares, das gentes e dos monumentos que caracteriza os seus impressionantes apontamentos de viagem e que o aproximam do Raul Brandão de *Os Pescadores* e de *As Ilhas Desconhecidas*”³. Contra a corrente dominante, Sant'Anna Dionísio foi dos primeiros a valorizar e a estudar o legado filosófico de Leonardo Coimbra, polemizando com António Sérgio, Abel Salazar, Manuel Mendes, Fernan-

¹ A par de Eugénio Aresta (1891-1956) e de Augusto Saraiva (1900-1975).

² Sant'Anna Dionísio, *O Poeta essa Ave Metafísica*, Seara Nova, 1953, p. 7.

³ *Diálogos e Perfis. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro*, Europress, 2006, p. 229.

do Piteira Santos entre outros. Nunca deixou apagar ou desvanecer a aura desse extraordinário magistério cultural, pedagógico, cívico, científico e filosófico da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, criada por Leonardo Coimbra. Por vezes, parecia que estava a falar sozinho na sua tribuna, colocada na primeira página do prestigiado e influente matutino *O Primeiro de Janeiro* e mais tarde no jornal *O Diabo*.

Republicano convicto, escritor ágil, elegante e contundente, dotado de uma imagística singular, Sant'Anna Dionísio foi uma testemunha privilegiada, também um interveniente dos mais capazes, do movimento cultural e estético-filosófico português do século XX, partilhando sensibilidades, afectos, colaboração e interesses estratégicos com a *Renascença Portuguesa*, a *Seara Nova*, a *Presença* e a *Nova Renascença*, sempre bem acima das divergências ideológicas e não raras vezes tomado como uma das referências morais de uma geração de inconformistas. A sua obra é muito extensa⁴, variada⁵, incluindo o desenho⁶, e estranhamente ainda não reeditada, sequer em antologia.

Nesta breve intervenção, iremos procurar seguir o trajecto de dois afluentes do rio de Heraclito. O *Rio de Heraclito (Solilóquios)*⁷ é justamente uma das grandes obras de Sant'Anna Dionísio.

E que afluentes são esses? Em primeiro lugar, a pedagogia do pensar; em segundo lugar, a democracia e a liberdade.

O seu existencialismo, céptico e vivaz, vai buscar uma grande força mobilizadora de ideias a esses dois afluentes.

⁴ Uma bibliografia geral, mas ainda não definitiva, de Sant'Anna Dionísio poderá ser encontrada em António Aresta, *Sant'Anna Dionísio e a Educação como Projecto Antropológico*, Porto Editora, 2004, pp. 96-105.

⁵ Para além da obra estritamente filosófica e pedagógica, é um dos raros pensadores que se preocupou com o conhecimento cultural de Portugal. Deu continuidade ao monumental *Guia de Portugal*, um projecto iniciado por Raúl Proença e editado em onze volumes pela Fundação Calouste Gulbenkian. Publicou ainda o *Museu-Biblioteca de Vila Viçosa* (1947), a *Ilha da Madeira e as suas Virtualidades Espirituais* (1970), *Da Urbe e do Burgo* (1971), *Alto Douro Ignoto* (1973), *Ares de Trás-Os-Montes* (1977) e *Velho Minho* (1978).

⁶ Ficaram famosos os seus desenhos *oníricos*, quer de trechos de paisagens, quer de personalidades, que se encontram espalhados em jornais, revistas ou livros. Veja-se, ainda, António Aresta, *Sant'Anna Dionísio e os desenhos pensados*, 'As Artes entre as Letras', Nº 255, 27 de Novembro de 2019, p. 13.

⁷ Seara Nova, 1956, 159 pp. Na página final do livro, menciona-se a data de 1958.

1. Uma das reflexivas fascinações de Sant'Anna Dionísio vai ao encontro da pedagogia do pensar, dentro da tradição helénica e também oriental. No livro, *Pedagogia Culminante dos Gregos*⁸, nota que “o trabalho científico associava-se intimamente ao hermético trabalho lectivo” (Idem, op. cit., p. 15) buscando esta analogia improvável, “no decorrer da nossa já longa carreira docente, de três décadas, muitas vezes intimamente perguntamos o que pensaria Sócrates se estivesse presente nos interrogatórios que tantas vezes se fazem nos chamados *exames* e sobretudo o que ele faria ou diria se assistisse à elaboração sumária e duríssima dos *veredicta* que os rematam dramaticamente, enquanto, *do lado de fora*, os corações infantis ou adolescentes pulsam em ritmo de angústia” (Idem, p. 80; o itálico é do autor). Como professor no ensino liceal, manteve uma preocupação metodológica quanto à ensinabilidade da filosofia⁹, porque “leccionar é trabalhar. Aprender é trabalhar. Ensinar a pensar e aprender a pensar é assunto grave e exigente de boa vontade”¹⁰. Vai buscar à tradição helénica este axioma nuclear, “para despertar o amor da filosofia, só há um meio eficaz: é o de dar o exemplo vivo de filosofar”¹¹. E filosofa com uma larga e ampla abrangência, pois “quem pensa por aforismos, não *prosegue* nem *acaba* nunca: a todos os instantes *principia*. O que é bom é péssimo”¹². Pensar fora do âmbito escolar era muito importante sobretudo no espaço de liberdade que o jornalismo cultural oferecia. E isso era reconhecido e valorizado noutros quadrantes. João Gaspar Simões¹³ dizia que “é deveras reconfortante o convívio com uma obra da ténpera da de Sant'Anna Dionísio”. Realmente, “pensar é um dom e uma vocação específica do homem e não um privilégio ou dote concedido pela natureza aos nativos deste ou

⁸ Apresentado como “Dissertação de Concurso para Professor Extraordinário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto”, Porto, 1962. O autor foi reprovado, num processo com obscuros contornos políticos, ainda não suficientemente clarificados.

⁹ *Breve Relatório de um ano de Prática Pedagógica no Liceu José Falcão, precedido de um longo introito acerca do ensino da Filosofia nos Liceus*, Renascença Portuguesa, 1931; *A Filosofia como Objecto de Pedagogia*, Seara Nova, 1952. Ver ainda uma importante entrevista concedida a Sérgio Mourão, “Sou um Professor que Viveu a Profissão”, *Jornal O Primeiro* de Janeiro, 12.09.1981.

¹⁰ *Revista Palestra*, 1960, N° 7, p. 139.

¹¹ *A Filosofia como Objecto de Pedagogia*, Seara Nova, 1952, p. 47.

¹² Sant'Anna Dionísio, *Tangentes. Reflexões de ocasião com algum sentido intemporal*, Seara Nova, 1938 [na folha de rosto aparece a data de 1934], p. 248. O itálico é do autor.

¹³ “Interpretações e Juízos. Pensando contra o Bárbaro Moderno”, *Mundo Literário*, N° 5, 8 de Junho de 1946, p. 4.

daquele clima, tempo ou país. Não me venham, pois, dizer que só aqui ou além podia, ou houve, reflexão sobre ‘o que importa’. Com toda a segurança, em certas horas, à entrada da caverna que o europeu contemporâneo do mamute conquistou por vezes ao javali ou ao urso, o seu conquistador e morador hirsuto já ‘pensava’ obscura e angustiadamente ‘sobre o que seria o mundo’. E o mesmo poderíamos dizer do peludo e pasmado íncola dos Andes, muitos séculos antes de se fazerem ouvir pelas quebradas dessas cordilheiras os latidos dos mastins ‘civilizados’ de Pizarro. A meditação, como o espanto, são de certeza realidades tão antigas como o homem”¹⁴. Sant’Anna Dionísio estava posicionado um pouco à frente do seu tempo. Veja-se, por exemplo, a sugestão de incluir uma espécie de iniciação filosófica no jardim de infância¹⁵. Alguém se preocupou em aprofundar esta sugestão? Estávamos em 1959, convém dizer.

Mas, vai em busca de novas indagações para pensar e agitar velhos problemas. Num livrinho verdadeiramente luminoso, *A Não-Cooperação da Inteligência Ibérica na Criação da Ciência*¹⁶, retoma preocupações mais antigas, cruzando a radicalidade histórica com os regimes políticos: “Em filosofia, em pleno século dezoito, depois de Descartes e Espinosa, estávamos ainda no comentário escolástico da obra do estagirita; em ciência de investigação, numa época em que se discutia lá fora intensamente Pascal, Kepler, Newton, Lineu, não concorriamos com uma bagatela; nas ciências aplicadas, industriais, não inventávamos um engenho ínfimo; importávamos tudo. E tudo porquê? Porque o nosso ensino era o mais estúpido e estiolante dos ensinos. Declinava-se latim, faziam-se temas sobre as *geórgicas* e os sermões de Vieira, decorava-se toda a versalhada mnemónica do silogismo”¹⁷. Reconhecia que os verdadeiros inimigos da filosofia eram aqueles que se serviam dela sob a capa de um angelismo indulgente. Por isso, não resiste à provocação entre as vertigens da memória antiga: “Actualmente há ainda uma Faculdade de Letras portuguesa na qual o ensino da filosofia consiste quase nesta mnemónica. Para o catedrático imbecil, que dirige esse ensino desde 1912, o estalão da cultura filosófica dos candidatos que tem de sofrer a humilhação da sua ‘arguência’ é a manipulação da silogística, é a regrazinha da conversão, são todas as ingénuas e recreati-

¹⁴ *Rio de Heraclito (Solilóquios)*, Seara Nova, 1956, p. 73.

¹⁵ *Diálogo do Jardim*, edição do autor, Lisboa, 1960, p. 11.

¹⁶ Seara Nova, 1941, 59 pp.

¹⁷ *Apontamentos. Cultura e Política*, Renascença Portuguesa, 1931, pp. 67-68.

vas habilidades dos ‘ursos’ coimbrões dos saudosos tempos do Fonseca. O resto, para o doutoral jerico, é palha...” (Idem, p. 68). A sua memória não é gratificante e jubilatória porque recupera a provação de Leonardo Coimbra num concurso universitário. Mas não só.

No seu entendimento, os factores objectivos da decadência nacional assentam neste verdadeiro programa de debilidades, que parece não ter um fim à vista:

a Universidade nas mãos de antigos seminaristas e porta-bandeiras nas incursões monárquicas; a tuberculose a alastrar por todo o país; analfabetismo e ignorância bronca; uma imprensa ignara; pobreza extrema ao lado do luxo insultante; mortalidade infantil pavorosa; descrença cada vez mais arreigada do trabalhador de que a República não pode ou não quer melhorar a sua vida; greves; atentados; a República posta na situação lamentável de defensora armada dos bancos e potentados industriais; lutas mesquinhas de partidos; revoluções periódicas – fecho de tudo: extorção de todas as prerrogativas individuais. Quer dizer: ao fim de vinte anos de República vive-se em Portugal como no tempo de Pina Manique... (idem, pp. 93-94).

2. A sua meditação sobre a democracia e a liberdade acompanha a desordem eufórica da complexa ordem mundial, cujos constrangimentos são visíveis em toda a sua extensão. Lembra as tiranias, desde a “violência do assalto do Kremlin sacudiu talvez mais o mundo do que o da Bastilha” (Idem, p. 25), passando pelo “desastre do comunismo na China” (Idem, p. 25), para relevar que a “democracia, como ideal, é profundamente moral; como regime é o mais adequado à mentalidade e nível de cultura do homem moderno” (Idem, p. 38). O problema central parece ser este, “verdadeiramente a Europa nunca constituiu um conjunto fraterno, uma aliança moral”¹⁸, existindo uma grande dificuldade em justapor o Ocidente à Europa, mesmo fora do âmbito das alianças militares. A sabedoria das nações tem uma enorme parcela de egoísmo, como observava Spengler no clássico *A Decadência do Ocidente*. A liberdade, reafirma Sant’Anna Dionísio, “foi sempre o oxigénio do espírito”¹⁹.

Sant’Anna Dionísio reflecte sobre os problemas concretos, indignando-se por causa da ausência de respostas fora da retórica resplandecente: “A vida,

¹⁸ *Tangentes. Reflexões de ocasião com algum sentido intemporal*, idem, p. 9.

¹⁹ *Pensamento Invertebrado*, ed. Renascença Portuguesa, 1931, p. 55.

para a gente pobre do campo, nas quadras de invernia, é extremamente dura. É o vento raivoso e implacável que açoita as crianças e os velhos; é a chuva que trespassa os andrajos dos jornaleiros; é a fome que se instala nos tugúrios; é a lenha e o conduto que falta; são as noites temerosas em que o mundo parece todo um pesadelo; são as doenças que se tratam ao-deus-dará, sem agasalho, sem assistência médica, com caldos de unto e pão de milho; são as mortes esfíngicas dos velhos que caíram às mãos do destino, sem uma palavra, depois de quarenta ou cinquenta anos de trabalho anônimo, convertido em muros, em poços, em couves, em mato roçado, em estrume”²⁰. Não, não é um trecho da estética neo-realista, é a problematização de situações absolutamente inaceitáveis que exigem solidariedade e a restauração de uma nova ordem política portadora de esperança e de verdade.

Assim as “experiências políticas de post-Guerra – o leninismo, o fascismo, o riverismo, o integralismo – vieram dar aos democratas uma consciência mais profunda das dificuldades do seu sistema”²¹, ao mesmo tempo que se valorizava a liberdade como o único sinal de oposição à demência colectiva e ao totalitarismo:

Com que direito, pois, vêm alguns fantoches brutais, hirtos, feitos de pau, brandindo o dogma e a disciplina, a ordem e o bem público, pretendendo coagi-lo a seguir, com os outros homens, num rebanho melancólico, uma determinada e estreita vereda, em lugar de o deixar tomar à vontade qualquer atalho, e dar-lhe, assim, ao menos, na sua existência angustiada e injustificada, a alegria de fazer pelas suas mãos o seu destino? (idem, p. 106).

Sant’Anna Dionísio acredita sinceramente nas imensas virtualidades da democracia, que é um sistema complexo e em contínuo aperfeiçoamento:

A Democracia não está em crise. Os seus princípios são indestrutíveis como as fontes que mergulham os seus veios nas entranhas recônditas da terra : eles nascem também dos recessos mais íntimos da alma do homem. O que está em crise é a injusta organização económica dos nossos dias, são as instituições jurídicas do despotismo que ainda sobrevivem, é a mentalidade agressiva dos povos que só pensam na sua expansão, com desprezo da vida e dignidade dos outros (idem, p. 121).

²⁰ *Rio de Heraclito (Solilóquios)*, ed. Seara Nova, 1956, p. 54.

²¹ *Apontamentos*, idem, p. 87.

Tudo parecia simples e exequível, “Com a extinção do analfabetismo e da tuberculose, com a protecção da infância e do trabalhador, abortava-se o comunismo e salvava-se ainda a civilização capitalista. Seria então a ocasião de tentar fazer Democracia *de verdade!*” (idem, p. 122; o itálico é do autor).

Era uma outra crítica da razão prática para fundar uma nova razão?

3. O pensamento de Sant’Anna Dionísio está profundamente ligado à vida real, aos dilacerantes dramas do homem marcados pelo nietzschiano tumulto interior, bem diferente do plácido instante interior tão caro a Henri Bergson. Na correspondência avulsa que é conhecida [com Delfim Santos, Ferreira de Castro, Teixeira de Pascoaes ou Raul Proença] vem ao de cima esses pormenores fulgurantes e incisivos que desaguam no Rio de Heraclito, seja a arte de pensar o homem e o mundo, seja a democracia e a liberdade como elementos essenciais para a consolidação dos regimes políticos humanistas.